



GT 01 – EDUCAÇÃO FÍSICA E CONTEXTO ESCOLAR

“SENTA QUE LÁ VEM HISTÓRIA” –EXPERIÊNCIAS ENTRE A EDUCAÇÃO FÍSICA E CONTOS INFANTIS

Leonardo Carlos de Andrade¹
Jéssica da Silva Duarte²

Palavras-chave: Educação Física. Práticas Corporais de Aventura. Histórias Infantis. Pedagogia Histórico-Crítica. Ensino Fundamental.

Introdução

Este trabalho relata uma proposta didática Crítico-Superadora desenvolvida no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás–CEPAE/UFG para o ensino do conteúdo “Práticas Corporais de Aventura”, para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, tendo como eixo articulador o jogo simbólico, fomentado pela “contação de histórias” infantis.

Essa ação pedagógica fruto do trabalho educativo da Educação Física desenvolvido no primeiro trimestre do ano de 2018, o qual o professor responsável tematizou as práticas corporais de aventura para uma turma de crianças de sete anos de idade. Nesse sentido, o planejamento e o desenvolvimento da práxis foi delineado à luz da Pedagogia Histórico-Crítica e da Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (2003), assim como Elkonin (1987) e Leontiev (1978), emanando assim categorias imprescindíveis dessas teorias e de seus fundamentos marxistas para o trato com o conhecimento da Cultura Corporal.

Do mesmo modo, foi estabelecida em planejamento uma ação pedagógica interdisciplinar entre Educação Física e Pedagogia, representada neste lócus pela literatura infantil. Trata-se de um trabalho pedagógico encabeçado pelo Professor de Educação Física e incorporado pelas colegas da Pedagogia, referente ao primeiro bimestre do ano de 2018, buscando uma proposta inovadora e crítica amparada por uma estrutura interdisciplinar, a qual o Jogo Protagonizado foi o eixo articulador para a socialização do conhecimento.

A experiência central deste relato foi materializada nas turmas de 1º ano, que conta com duas salas (A e B) com cerca de 30 alunos em cada. O percurso metodológico foi delineado em 3 aulas semanais com duração de 45 minutos cada. No intuito de evidenciar a sequência didática, reiteramos que as aulas foram desenvolvidas três vezes por semana, no turno matutino, no período de 10/03/2018

¹ Universidade Federal de Goiás. Email: leonardoandradeprof@gmail.com.

² Universidade Federal de Goiás.

à 15/05/2018 e teve como objetivo geral “Compreender as diversas manifestações e fundamentos das Práticas Corporais de Aventura tendo como ponto de partida a contação de história”.

Assim sendo, foram elencados os seguintes objetivos específicos: “1) Conhecer os fundamentos básicos das práticas corporais de aventura; 2) Levantar e problematizar os conceitos como sustentabilidade e educação ambiental; 3) Conhecer diferentes modalidades das práticas corporais de aventura passando pelas histórias do livro; 4) Diferenciar as práticas de aventura na natureza (terra, na água e no ar); 5) Vivenciar alguns elementos que transmitem a ideia de aventura (obstáculos, surpresas, medo, risco, superação, etc); 6) Elaborar uma história coletiva tematizando as Práticas Corporais de Aventura;”.

O caminho metodológico foi desenvolvido em quatro momentos visando contemplar os objetivos propostos no planejamento inicial garantindo o salto qualitativo acerca dos conceitos fundantes do tema estruturante: 1º) Conceito de aventura, por meio da trilha e da caminhada ecológica; 2º) Conhecer as diferenças entre práticas Corporais de Aventura na terra, are água, através da escalada/alpinismo, Pendulo (Rope Swing) e vídeos de Wakeboard Rafting; 3º) Exploração e vivência de outras modalidades como Slike Line e Corrida de Orientação; 4º) Elaboração de uma história coletiva, tematizando as Práticas Corporais de Aventura.

Metodologia

A sequência pedagógica desenvolvida foi delineada em 25 aulas com duração de 45 minutos cada, estas foram ministradas em três encontros semanais, em turno matutino, no período de 15/03/2018 à 11/05/2018, no CEPAE/UFG. A práxis pedagógica foi desenvolvida á luz do Materialismo Histórico Dialético, compreendendo que o método emana da necessidade de desvelar a realidade, contraditoriamente concebida pelas relações estabelecidas pela humanidade.

Desse modo, o processo foi norteado à luz dos fundamentos marxistas da contradição, historicidade e totalidade. O trato com o conhecimento da Cultura Corporal foi pautado na Pedagogia Histórico-Crítica onde a proposta teve como marco inicial a prática social das crianças em relação ao tema proposto, concomitantemente com a problematização, instrumentalização, objetivando que a catarse aconteça oportunizando um novo olhar acerca da prática social.

A Teoria Histórico-Cultural foi vértice para a socialização do conhecimento pois, quando compreendemos que a atividade-guia das crianças do 1º ano, era o Jogo Protagonizado, que alavancou o processo de desenvolvimento e apropriação do conhecimento dos pequenos, com a mediação do professor.

Resultados

O percurso pedagógico para o ensino das Práticas Corporais de Aventura foi desenvolvido em uma tríade interdependente, tendo como os três eixos: 1º) Contação de história, através de adaptações dos contos do livro infantil “Esportes de Aventura com a turma do sítio” onde cada capítulo conta uma façanha dos personagens do sítio em uma modalidade das Práticas Corporais de Aventura 2º) Vivência, exploração e apropriação dos conceitos inerentes a modalidade tematizada 3º) Reconto e registro realizado pelas crianças, via verbalização e desenho no caderno de Educação Física.

Foi utilizado um livro infantil, intitulado “Esportes de Aventura com a Turma do Sítio” da Editora Global, inspirado nos contos de Monteiro Lobato. Nesta obra, os personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo vivem peripécias com as Práticas Corporais de Aventura. Utilizamos a contação de histórias para estabelecer uma relação simbólica entre o faz-de-conta e o conteúdo tematizado. Nesse sentido utilizávamos capítulos do livro como ponto de partida para explorar modalidades específicas das Práticas de Aventura e seus fundamentos, como por exemplo: “O espírito de aventura com o Rabicó” e “Subindo nas paredes com o Tio Barnabé”, para explorar a Escalada.

Vigotski (2003) traz uma discussão sobre o lugar que ocupa o brincar na relação com o desenvolvimento

[...] o brincar fornece ampla estrutura básica para mudanças da necessidade e da consciência. A ação na esfera imaginativa, numa situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas – tudo aparece no brincar, que se constitui, assim, no mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar. A criança desenvolve-se, essencialmente, através do brincar (p. 122).

De forma coerente com a Teoria Histórico-Cultural, buscamos ensinar levando em consideração a atividade-guia em que se encontra a criança, nesse caso o Jogo Protagonizado, para selecionar conteúdos, atividades e metodologias pertinentes, que alavanquem seu desenvolvimento, pois como afirma Vigotski (2003), a “o bom ensino é aquele que se adianta ao desenvolvimento”. Elkonin (1987) evidencia que no Jogo Protagonizado a criança se apropria das relações e saberes do mundo pelo simbólico, assumindo papéis e internalizando conceitos.

Foi trabalhado o conceito de aventura, por meio da trilha e da caminhada, tendo como eixo a história “Andar é simples e gostoso com a Dona Benta”, levando as crianças a conhecer o espaço físico, e estrutural da escola, embasados na obra de Inácio et. al (2015).

Em seguida foi tematizada a diferença entre as Práticas Corporais de Aventura na terra, ar e água. As práticas terrestres foram exploradas através da escalada/alpinismo, com a história “O espírito de aventura com o Rabicó” e “Subindo nas paredes com o Tio Barnabé”; As ares com o pêndulo

(Rope Swing), utilizando cordas e colchonetes nas árvores da UFG; As aquáticas por uma questão arquitetônicas foram contempladas apenas por vídeos de wakeboard e rafting, assim como nas histórias “Deslizando na água” e “Surfe na areia com Pedrinho”.

Na história “A corrida da bússola com a Emília” foi introduzida a Corrida de Orientação, onde as crianças juntamente com o professor desenharam um mapa de todo o espaço físico e estrutural da escola, assim as crianças brincaram de caça ao tesouro, por conseguinte foi a vez das crianças desenharem o mapa sozinhas, o professor demarcou os pontos em cada mapa dos quais elas tinham que encontrar se orientando. Nesse momento foi problematizada a possibilidade de desenvolvimento das Práticas Corporais de Aventura em meio urbano ou natural.

E por fim, a elaboração coletiva de uma história que abordasse as Práticas Corporais de Aventura com a turma do 1º ano. O professor se dispôs a ficar no quadro e cada criança falava uma frase, uma palavra, dando sentido à história pelo simbólico e pelos conceitos internalizados, tendo como título “As aventuras do 1º ano”.

A avaliação foi desenvolvida em consonância com os objetivos proposto, pois segundo Freitas (2012), esta deve ser formal, tendo consciência dos instrumentos que superem as contradições e que incluam o aluno no processo de avaliar, características de um modelo de educação emancipatória e democrática. Assim sendo, um dos instrumentos avaliativos foram os desenhos realizados e comentados durante a escala. O segundo foi uma ficha avaliativa individual preenchida pelo professor durante o processo, tendo como critérios: Reconhece os elementos básicos das práticas corporais de aventura; Identifica as práticas de aventura na terra, na água e no ar; Identifica e Compreende os fundamentos de pelo menos três modalidades; Resignificou os saberes das práticas corporais por meio da criação de uma história. E por fim a elaboração coletiva de uma história tematizando as Práticas Corporais de Aventura.

Considerações finais

Em síntese, compreendemos que as crianças do 1º ano se apropriaram dos conhecimentos indicados nos objetivos da escala, em níveis proximais distintos, porém se faz evidente a importância do trato com a Cultura Corporal à luz da Totalidade e Contradição. Os pequenos tiveram um salto qualitativo no que diz respeito às Práticas Corporais de Aventura, das quais chegaram com um pensamento sincrético acerca do tema e puderam avançar para uma visão mais sintética.

Poderíamos nos questionar agora se o ensino da Educação Física tem dado conta das especificidades do trabalho pedagógico com os Anos Iniciais e com a Educação Infantil, assim como as nuances da infância. Com base na história dos cursos e do trato com o conhecimento na escola,

observamos na realidade, que provavelmente, a resposta seria de que ainda há inúmeros limites e muito ainda o que avançar.

Por outro lado, evidenciamos que a produção acadêmica crescente e significativa sobre o tema, a presença de professoras de Educação Física em redes públicas de educação nesta etapa, assim como em o aprofundamento teórico nas perspectivas críticas, apontam para possíveis avanços para o ensino da Educação Física no “chão da escola”.

Referências

88

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

ELKONIN, D. “Sobre el problema de la peridización del desarrollo psíquico em la infância”. In: DAVIDOV, V & SHUARE, M. (org.). La psicología evolutiva e pedagogia em la URSS: antologia. Moscú, Editorial Progreso, 1987.

FREITAS, Luiz Carlos et al. Avaliação e políticas públicas educacionais: ensaios contra-regulatórios em debate. Campinas: Leitura Crítica, 2012.

LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. IN: VIGOTSKI, L. S. LURIA, A. R. LEONTIEV, A. N. Linguagem desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Icone, 2006.

INACIO, H. L. D.; CASTRO, C.; MACHADO, L.; CAUPER, D. C. Práticas corporais de aventura [na natureza] na educação física escolar: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015, Vitória. Anais do Conbrace -Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semyonovitch. Pensamento e linguagem. Trad. Jefferson L. Camargo, São Paulo: Martins Fontes, 2003.